

INTERPRETAÇÃO DE DESCRIÇÕES IMAGÉTICAS DA LIBRAS

Marcos Luchi
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC¹

Resumo: Este estudo inicia discutindo as questões referentes à iconicidade da língua de sinais e como esse conhecimento poderá auxiliar no ato interpretativo da Língua Brasileira de Sinais para o Português Brasileiro. Nos procedimentos metodológicos da pesquisa apresentamos os métodos de coleta de dados, desde a organização com os recursos utilizados até os dados finais. Para tal, foi necessária a participação de um surdo nativo, que gravou em um estúdio amador os vídeos que foram aplicados em dois testes. O primeiro foi a produção de desenhos por colaboradores – intérpretes - desta pesquisa a partir da sinalização de Descrições Imagéticas (CAMPELLO, 2008). O segundo teste foi a interpretação de uma história que continha esses elementos descritivos sinalizados pelo mesmo surdo com base em imagens retiradas da internet, contendo os cinco tipos de Transferências das Descrições Imagéticas propostas por Campello (2008). Ambos os testes foram transcritos através do sistema de notação Eudico Linguistic Annotator. As análises dos testes nos permitiram problematizar as comparações que muitas vezes são realizadas entre as línguas de sinais e as línguas orais, mostrando que os aspectos visuais-espaciais de uma língua de sinais são mais simultâneos e contínuos num discurso, podendo alguns pesquisadores caírem em paralelos equivocados entre essas duas modalidades de língua, a oral-auditiva e a espaço-visual. Certamente, essas questões interferem diretamente na interpretação da Libras para o PB, uma vez que os intérpretes terão que fazer tomadas de decisões frente a forma como a língua lhes é apresentada, surgindo a partir dos dados duas principais formas de se interpretar as Descrições Imagéticas.

¹ E-mail para contato com o autor - marcosluchi@gmail.com

Introdução

Este trabalho se trata de um recorte de minha dissertação de mestrado em que descrevo o processo de interpretação da Língua de Sinais Brasileira (Libras) para o Português Brasileiro (PB), a partir da amostra das produções de dois intérpretes. O foco neste estudo são as interpretações de Descrições Imagéticas (Libras para PB) realizadas pelos dois intérpretes ouvintes. As interpretações foram inéditas, no sentido de que tanto o vídeo em língua de sinais realizada por um surdo bem como as interpretações dos sujeitos desse estudo foram utilizadas apenas nessa pesquisa. Dentre alguns pontos positivos em se ter um vídeo inédito está o fato de que nenhum sujeito da pesquisa teve contato prévio com o vídeo, não havendo essa variável de possível interferência na interpretação, também se obteve as cinco transferências presentes nas Descrições Imagéticas que são: 1) Transferência de Tamanho e de Forma (TTF); 2) Transferência Espacial (TE); 3) Transferência de Localização (TL); 4) Transferência de Movimento (TM) e 5) Transferência de Incorporação (TI). (CAMPELLO, 2008)

Foram realizados dois testes para este estudo, o primeiro se tratava de uma interpretação propriamente dita da Libras para a Língua Portuguesa. Neste estudo os dados foram transcritos por meio do software conhecido como ELAN (*Eudico Linguistic Annotator*), elaborado na Europa pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck. Esse software permite que a partir dos vídeos e áudios sejam criados e editados anotações com a possibilidade de busca posterior do que foi anotado. O ELAN é um software livre que pode ser baixado da internet em versões compatíveis com Windows, Linux e Mac. Além disso, o programa possui linhas, chamadas pelo programa de 'trilhas' para anotações paralelas ao vídeo ou áudio. O pesquisador pode optar por fazer trilhas específicas ao que está pesquisando. Por exemplo, ele pode fazer uma trilha da glosa dos sinais, outra trilha para anotar as glosas de expressões faciais e assim por diante. Neste trabalho como o objeto de estudo são as descrições imagéticas optou-se pela criação de apenas uma trilha para anotar os sinais e as DI's², enquanto que o segundo teste foi realizado a partir da visualização da sinalização em Libras seguida de desenhos realizados pelos intérpretes, sendo este, o que trataremos neste trabalho.

² O primeiro teste, bem como a pesquisa na íntegra, pode ser visualizado no link: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106845/322457.pdf?sequence=1>

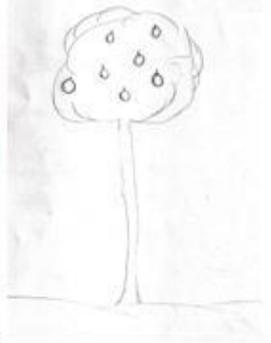
Análise dos desenhos

A intenção da coleta de desenhos é verificar o que o intérprete compreende em sua mente no momento em que está vendo a sinalização. Esse exercício não nos permitiria nunca compreender ao certo o funcionamento do cérebro do ILS no momento da sinalização, mediante inúmeros fatores que esta pesquisa não tem a pretensão de se aprofundar. No entanto, os desenhos nos forneceram uma pequena amostra do que o intérprete está vendo, compreendendo da sinalização.

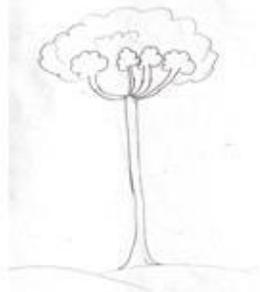
As sinalizações em vídeo tinham entre 5 a 20 segundos de duração. Conforme apresentamos nos procedimentos metodológicos desta dissertação, as sinalizações eram de árvores diferentes ou em situações diferentes, que totalizavam cinco vídeos de árvores e contemplavam as cinco *Transferências* de Campello (2008) Os vídeos foram gravados por um surdo sinalizador que tem a Libras como língua materna. Ele primeiro via as imagens das árvores e em seguida sinalizava. Os ILS não tiveram acesso às imagens das árvores antes de verem e desenharem as sinalizações do surdo.

Intérprete A

A seguir apresentam-se a imagem, alguns recortes da sinalização realizada pelo surdo e os desenhos produzidos pelo intérprete A, com as análises das respectivas transferências:

Imagem da Araucária	TTF da Araucária	Desenho da araucária
		

Os intérpretes viram a sinalização para posteriormente elaborarem um desenho. Entretanto, algo interessante ocorreu com o intérprete A, que pediu para refazer seu desenho o desenho que segue:

Imagem da Araucária	TTF da Araucária	Desenho da araucária
		

Pode-se perceber que no primeiro desenho, o intérprete A não compreendeu a descrição da copa da árvore. Por estarmos pensando numa interpretação simultânea, esse elemento seria considerado como perda. A situação não era de uma interpretação, mas era permitido ao intérprete rever quantas vezes quisesse o vídeo para depois desenhar, podemos apenas concluir que o intérprete não compreendeu no primeiro momento qual era a tipologia da árvore, no qual essa descrição se propõe que é especificar o objeto.

Se a intenção do sinalizador fosse especificar uma determinada árvore, que neste caso é uma araucária, ele não alcançaria seu objetivo, pois o intérprete não percebeu que a iconicidade presente nesta configuração de mão remetia a uma árvore específica. Podemos perceber na produção da copa da árvore uma Configuração de Mão altamente icônica que mostrava os galhos para cima e ramos esféricos, uma das características da araucária, despercebidos pelo intérprete.

Numa interpretação trabalhamos com a língua em um contexto determinado. Se o sinalizador estivesse contando sua viagem para uma região serrana ou para uma região onde se encontra com frequência esse tipo de árvore, possivelmente o intérprete buscaria o item lexical específico para esse momento. Mas o que pretendemos mostrar nesta pesquisa é que as configurações de mãos podem ser pistas de significado e sentido na sinalização como as próprias DI's se propõem, em uma de suas transferências, que é o fator de especificar algum referente.

Podemos agora também abrir outra discussão relacionada à competência tradutória. Na competência tradutória há também a *competência referencial* que segundo Aubert (1993), se refere ao desenvolvimento da habilidade de conhecer os referentes dos mais variados espaços ou discursos em que uma interpretação pode ocorrer. Exemplificando, um intérprete pode não ter competência referencial em assuntos da informática, mas pode aprender por buscar esse conhecimento de outras

formas. Outro exemplo de competência referencial seria o conhecimento de regionalismos na língua de sinais ou aspectos culturais e até mesmo geográficos (como no caso da araucária). Numa situação hipotética de um surdo do sul ir palestrar no norte ou no nordeste do Brasil, local em que essa vegetação não é encontrada, provavelmente o intérprete sem esse conhecimento não encontraria o léxico correspondente para a tipologia da árvore. O intérprete não estaria errado ao optar por uma descrição oral da imagem produzida na Descrição Imagética pelo sinalizador, entretanto para a realização dessa descrição oral é necessário que o intérprete tenha conhecimento da iconicidade da língua de sinais presente nas CMs para assim realizá-la como descrito nas imagens anteriores referentes à copa e aos ramos da araucária.

Intérprete B

A seguir apresentamos a imagem, alguns recortes da sinalização realizada pelo surdo e os desenhos produzidos pelo intérprete B com algumas análises das respectivas transferências.

Imagem da Araucária	TTF da Araucária	Desenho da araucária
		

No desenho acima podemos ver que o intérprete compreendeu que se tratava de uma árvore comprida, provavelmente pelo detalhe do caule como se vê na imagem:



Interessante perceber que possivelmente a configuração de mão utilizada na sinalização do surdo para mostrar os ramos da copa da araucária foi interpretada como sendo os frutos da árvore. A orientação de mão e o movimento entram como um aspecto importante nessa transferência, pois o fato da palma da mão estar virada para baixo e

seu movimento ser de baixo para cima não poderia indicar ser uma fruta, uma vez que o fruto desenhado penderia num movimento de cima para baixo.

Discussão

Sabe-se que há vários fatores que determinam uma interpretação, como o contexto e o conhecimento prévio dos intérpretes e por isso não se pode propor um modelo único de interpretação de descrição imagética para o Português Brasileiro. Entretanto, a partir dos dados coletados podemos perceber duas formas principais de fazer essa interpretação: encontro dos itens lexicais específicos para a sinalização ou através da descrição oral.

Nos casos de interpretação de DI há uma peculiaridade ainda maior. Nem sempre a intenção do sinalizador é especificar um determinado referente, mas realmente descrever algum objeto, lugar ou espaço. Assim, uma interpretação mais descritiva com um número menor de itens lexicais especificadores não pode ser vista como de menos qualidade, uma vez que se tem que pensar no objetivo da interpretação, que pode ser de aproximar o receptor da informação à cultura do ‘texto’ fonte.

Espera-se também que esta pesquisa venha abrir um campo novo de investigações, se apropriando dos estudos da iconicidade aplicado à interpretação, aliando os estudos linguísticos aos estudos da Tradução/Interpretação.

Podemos dizer que mediante a riqueza e complexidade presentes nas línguas de sinais não é tão fácil assim determinar seus itens lexicais. Fatores visuais/imagéticos presentes, talvez, apenas em línguas de sinais mostram uma demanda de formação específica para os intérpretes em língua de sinais. Os dados mostram que as interpretações de DI não são tão simples, mediante as omissões encontradas na pesquisa. Por fim, deixamos um apelo a todos os pesquisadores de línguas de sinais que não analisem esta língua segundo os padrões das línguas orais o que pode acarretar no apagamento de sua visualidade.

Dessa forma, abre-se aos intérpretes juntamente com a comunidade surda uma discussão em relação à forma de interpretação desejada. Deixa-se a seguinte pergunta ‘no ar’: Que aspectos linguístico-culturais da visualidade dos surdos devem/podem ser passadas para as pessoas leigas, que não tem domínio/fluência e desconhecem totalmente a cultura surda? Com certeza, algumas questões foram respondidas nesta pesquisa, mas muitas outras suscitam discussões futuras.

6. REFERÊNCIAS

AUBERT, F. H. **As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor.** Campinas: Unicamp, 1994.

CAMPELLO, A. R. **Pedagogia Visual / Sinal na Educação de Surdos.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.) Estudos Surdos II. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

_____. **Pedagogia Visual na Educação dos Surdos.** 2008. Tese Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008